



JOURNALISM AND HISTORY - POSSIBLE APPROACHES: the conflict in Syria in BBC report Brazil

Márcio Barbosa NORBERTO ⁴⁴

Karina Woitowicz JANZ ⁴⁵

RESUMO: Busca-se nos limites deste artigo traçar um panorama a respeito dos pontos de encontro entre Jornalismo e História. Realiza-se uma abordagem que possa revelar, a partir da aproximação entre estes dois campos, uma forma de conhecimento. O artigo traz algumas conceituações sobre o campo da História e o seu desenvolvimento em termos de “História do presente”, com vistas a atender novas demandas sociais. Na vertente do Jornalismo, busca-se apresentar seu potencial como fonte historiográfica e narração de uma história do presente. O corpus empírico foi retirado da página eletrônica da BBC Brasil com o título: “Oito capítulos para entender a crise na Síria, que dura mais de 4 anos”.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; História; Conhecimento; Migração.

ABSTRACT: It is within the limits of this article to draw a panorama about the meeting points between Journalism and History. An approach is developed that can reveal, from the approximation between these two fields, a way of knowledge. The article brings some concepts about the field of History and its development in terms of "History of the present", in order to meet new social demands. In the area of Journalism, it seeks to present its potential as a historiographic source and narration of a history of the present. The empirical corpus was taken from the BBC Brazil website, entitled "Eight chapters to understand the crisis in Syria, which lasts for more than 4 years."

KEYWORDS: Journalism; History; Knowledge; Migration.

⁴⁴ Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), Especialista em Gestão Cultural (Faculdades Senac), Especialista em Comunicação, cultura e arte (PUC/PR) e Graduado em Jornalismo pelas Faculdades Integradas do Brasil (Unibrasil/Curitiba/PR).

⁴⁵ Jornalista, mestre em Ciências da Comunicação e doutora em Ciências Humanas. Professora do curso de Jornalismo e do PPG – Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

1. Introdução

Inicia-se esta reflexão identificando duas compreensões para o Jornalismo. A primeira se refere à prática social do fazer jornalístico, revelada pela produção, circulação e recepção. A outra vertente é a que trata o Jornalismo como campo teórico. Seja o caminho da prática ou da teoria, o Jornalismo em alguma instância se encontra com a disciplina da História.

Romancini (2010), no artigo *História e jornalismo: reflexões sobre campo de pesquisa*, diz que as duas áreas guardam profunda relação: “existe um corpus da História do Jornalismo provindo de historiadores, mas também de pesquisadores da Comunicação, bem como notáveis trabalhos no qual o jornalismo serve de fonte ou objeto para a História” (ROMANCINI, 2010, p. 24).

O autor segue dizendo que a interação com a História não fica apenas no campo teórico. Os historiadores recorrem aos registros jornalísticos para construir seu trabalho ao passo que os jornalistas também buscam o conhecimento histórico para construir suas narrativas. Segundo este autor, os profissionais do jornalismo representam um papel importante na produção da chamada “História imediata”.

A partir de alguns conceitos da História, sobretudo no que tange aos referenciais contemporâneos e buscando estudos fundantes do Jornalismo como fonte historiográfica, este trabalho infere uma discussão sobre como um campo está contido no outro, gerando por meio desta interação um tipo especial e qualificado de conhecimento que pode guiar, orientar e discutir questões do mundo contemporâneo fundadas em preceitos históricos.

Portanto, a ideia é discutir as relações entre Jornalismo e História, partindo de bases conceituais que envolvem a singularidade do fazer jornalístico (marcado por modos de produção orientados pela cultura jornalística e pelas regras editoriais) e a perspectiva de construção da história com base em narrativas do tempo presente. Assim, o jornalismo pode ser caracterizado como mecanismo e fonte para registro do cotidiano.

Neste sentido, o corpus empírico desta análise foi a reportagem da BBC Brasil⁴⁶ sobre os conflitos na Síria, utilizada para ilustrar este processo em um exercício de reconhecimento da dimensão histórica presente na atividade jornalística.

⁴⁶ <https://www.bbc.com/portuguese>

2. Jornalismo e a história do tempo presente

Como categorizar o discurso jornalístico numa perspectiva de registro histórico, de documentação e por consequência de conhecimento sobre uma dada realidade e dentro de um contexto? Inicia-se o percurso buscando situar a narrativa jornalística como “História do presente” ao registrar uma determinada realidade, reunindo fatos, personagens e contextos e não apenas conformação como meio de reprodução de informação.

Este trabalho começa tratando do conceito de História. Definições mais abrangentes e de caráter tradicional a classificam como estudo sobre o passado; estudo sobre a evolução humana, analisando sua relação com determinados contextos e fatos; e estudo sobre a contínua mudança da sociedade.

Lopes e Galvão (2001) discorrem sobre a História como narração de fatos tal como eles aconteceram. Outra definição pode ser encontrada na obra do historiador Jacques Le Goff: “História não deve ser verificada como ciência do passado, mas como ciência da mutação e explicação dessa mudança” (LE GOFF, 2003, p.15). De acordo com o autor, a História pode ser definida como a busca por realizações humanas e ainda a História como narração, podendo ser real ou não, referenciada em realidade histórica ou no imaginário.

Nas primeiras décadas do século XX, o conceito de História é alargado e busca renovação, que será alcançado com maior efetividade em termos teóricos a partir dos anos 1970. Esta fase evolutiva da História, na ótica de Ruiz (2005), é o que se chama de “História do tempo presente”, na direção daquilo que ocorre atualmente tornando-se mais relevante.

Para o autor, a História intenta um novo paradigma e demarca como ponto crucial para esta guinada a queda do Muro de Berlim, em 1989. Este marco histórico suscitou aceleradas mudanças sociais. “Não é mais possível ver o passado porque, depois da queda do muro, é mais fácil perceber que há muitos pontos de vista convergindo sobre esse passado e narrando-o de formas muito diferentes” (RUIZ, 2005, p.77).

O autor segue ressignificando o conceito e colocando-o muito próximo de definições que podem também ser verificadas no Jornalismo. Para Ruiz, fazer História significa selecionar, relacionar e interpretar informações de forma a compreender a realidade com maior precisão. Ruiz faz outra inferência na delimitação acerca do campo da História que cabe na perspectiva jornalística. Ao tratar do narrador, neste caso o historiador, ele posiciona-se de acordo com determinado ponto de vista, que fica explícito na sua própria narrativa.

E esse mesmo narrador, quando a obra literária é um clássico, sempre adotará uma cosmovisão abrangente, sempre nos permitirá olhar para as personagens e para o fio condutor da sua história com um olhar mais amplo, mais relacional, onde tudo ou quase tudo – o político, o social, o individual, o íntimo, o econômico, o religioso, o explícito e o implícito tudo, enfim, o que compõe a estrutura do humano – possa ser compreendido num único golpe de vista, o golpe de vista do leitor, que será, ao mesmo tempo, espectador da história que está sendo contada e que lhe permitirá adquirir uma visão muito além do que até agora lhe permitiam os antigos modelos da História. (RUIZ, 2005, p. 91)

Le Goff (2003) ao tratar conceitualmente da História provoca um tensionamento que pode também ser lido do ponto de vista conceitual do Jornalismo. Questões como objetividade, singularidade e universalidade demarcam os dois campos. Sobre objetividade, o autor diz: “a objetividade histórica – objetivo ambicioso – constrói-se pouco a pouco através de revisões incessantes de trabalho histórico, laboriosas verificações sucessivas e acumulação de verdades parciais” (LE GOFF, 2003, p. 33). A respeito do singular no campo da História, o autor descreve que um fato ou um acontecimento é sempre único em si mesmo e nunca se repetirá de uma mesma forma.

Para a pesquisadora Josefina Cuesta (1993) a História do presente é um imperativo contemporâneo e as razões para isso residem numa perspectiva de relação da história com o presente e não apenas com o passado. O pós-guerra e tudo que se originou a partir deste momento histórico, sobretudo no campo da Comunicação, no aumento do nível de estudo e do conhecimento, imprimiu ao ser humano uma vontade de explicar o presente.

Nesta breve e panorâmica tentativa de conceituação do campo da História é possível recuperar alguns aspectos também encontrados no Jornalismo. História e Jornalismo trabalham na perspectiva do discurso, da recuperação de fatos e de acontecimentos, mas não o próprio fato ou acontecimento. Trabalham no sentido de construção. O acontecimento é reconstruído por historiadores e jornalistas por meio de relatos que podem ser interpretados de diferentes maneiras.

3. Jornalismo como fonte historiográfica

A História se referencia por meio de fontes distintas: biográfica, audiovisual, documental, oral e impressa. Os suportes e as técnicas de pesquisa podem ser os mais variados. O jornalismo tem um significativo papel no cotidiano da sociedade ao informar, analisar e interpretar acontecimentos que transitam na vida social. A agenda jornalística perfaz os mais diversos ambientes e esferas sociais. Entra na pauta aquilo que, de acordo com critérios próprios da cultura jornalística, assume visibilidade pública.

O discurso impresso nas páginas dos jornais e nos meios eletrônicos ganha materialidade, memória e perenidade, acaba se tornando fonte para pesquisadores de diversas áreas. Historiadores também recorrem aos registros jornalísticos como fonte de pesquisa e investigação.

Alguns pesquisadores colocam em dúvida a confiabilidade jornalística para ser utilizada como fonte de pesquisa. Este argumento deve-se a uma tradição de pesquisa vigente desde o século XIX até o século XX a respeito da busca pela verdade dos fatos e da legitimação de fontes oficiais como mecanismos para uma recuperação fidedigna da história. Assim, sendo o jornal uma fonte marcada por interferências políticas, econômicas e culturais de um determinado contexto, não poderia – até poucas décadas - ser considerado um objeto confiável para análise do passado.

De acordo com Tânia Regina Luca (2005, p. 114), “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”.

Ao discutir o uso de fontes orais para a história do jornalismo, Ana Paula Goulart Ribeiro (2007; 2015) afirma que “de forma alguma, esses relatos podem ser encarados como índices absolutos da verdade histórica. Precisam ser analisados criticamente, destrinchados, como toda e qualquer fonte, aliás” (2015, p. 87). Esta impossível neutralidade histórica – que também caracteriza o jornalismo – é abordada por Marialva Barbosa (2018, p. 22-23) ao analisar as fontes documentais e o modo de interpretá-las:

Nenhuma produção documental é neutra e sua durabilidade também indica certa propensão a já ter sido produzida visando a uma possibilidade futura. Quando se considera a própria produção midiática como documento de uma época, é preciso perceber igualmente que ela tinha uma relação especial com o seu presente histórico.

Ao entender os veículos de mídia como produtos sociais, resultantes de um ofício, demarcados no tempo e no espaço e, portanto, sujeito a intencionalidades, verifica-se que o desafio de utilizá-los como fonte remete à devida contextualização e observação analítica sobre os processos implicados na narrativa jornalística. Além disso, a pesquisadora Tânia Regina de Luca (2008) assevera que o investigador historiográfico pode lançar mão de outros dispositivos complementares à fonte jornalística para compor seu trabalho de pesquisa.

O jornalismo registra acontecimentos do presente – fatos, personagens e contextos -, que serão revisitados e redescobertos por pesquisadores no futuro. O conteúdo jornalístico se materializa como fonte de pesquisa que poderá ser acessada num tempo ainda vindouro. Portanto, o jornalista pode ser compreendido como narrador do tempo presente, do cotidiano das coisas, que se tornarão fonte para o historiador e outros pesquisadores no futuro.

Não se tem aqui a pretensão de equiparar o trabalho do jornalista e do historiador, tampouco questionar o Jornalismo em termos epistemológicos. O que se enseja é identificar e demonstrar que o trabalho do jornalista, impresso nas páginas dos periódicos físicos e eletrônicos, configura-se como fonte de conhecimento e, simultaneamente, fonte de pesquisa.

Evidentemente há diferentes formas de reconstruir o passado através da História. Os historiadores, ao remontar o passado, recorrem a inúmeras fontes de conhecimento e pesquisa, e o jornalismo é uma delas.

Em entrevista à Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o jornalista Samuel Wainer fala sobre o papel da imprensa para a História do Brasil. O depoimento do fundador do jornal *Última Hora*, aliado do governo Vargas, é um retrato da imprensa nos anos 1950.

A imprensa, no Brasil, é uma fonte para a história do país das mais importantes. Talvez não exista, em outros países, ou em poucos outros países existirá uma fonte com essa riqueza. Por quê? Porque, em verdade, ao povo brasileiro sempre faltou acesso a outras fontes de informação – faltou-lhe escolas, bibliotecas, livrarias, livros culturais –, então o jornal, no Brasil, passou a ser até instrumento de cultura, o que nos outros países está há muito tempo superado e o jornal é um instrumento de informação e de orientação. (WAINER, 2010)

Na visão de Wainer, a imprensa ajuda a registrar e a demarcar um acontecimento no tempo. A imprensa é a memória histórica de um país. Em algum tempo, o registro jornalístico poderá ser acessado, revelará fatos e aspectos do mundo, permanecendo vivo devido à sua força documental.

4. Jornalismo como fonte de conhecimento

O jornalismo nos fornece conhecimento sobre a realidade? O jornalismo contribui para estruturar o conhecimento sobre a realidade? De acordo com Liriam Sponholz (2009), o mundo está envolvido em tamanha complexidade que se torna praticamente impossível identificar as mudanças apenas vivenciando os acontecimentos.

Na visão de Meditsch (apud SPONHOLZ, 2009, p.107), “na Idade Média o homem podia vivenciar as mudanças do mundo à sua volta, a aldeia, a vizinhança na sua dimensão perceptível. Hoje em dia, o jornalismo precisa cumprir essa tarefa”.

Na perspectiva de Adelmo Genro Filho (apud SPONHOLZ, 2009), o jornalismo não é somente produto de consumo, é também resultado de produção. Por esta linha, o jornalismo se distingue do senso comum.

Na percepção individual, a imediaticidade do real, o mundo enquanto fenômeno é o ponto de partida. No jornalismo, ao contrário, a imediaticidade é o ponto de chegada, o resultado de todo um processo técnico e racional que envolve uma produção simbólica. Os fenômenos são reconstruídos através das diversas linguagens possíveis ao jornalismo em cada veículo. Conseqüentemente, não podemos falar de uma correspondência de funções entre jornalismo e percepção individual, mas sim de uma ‘simulação’ dessa correspondência. (GENRO FILHO apud SPONHOLZ, 2009, p.108)

Sponholz reforça a tese de que o jornalismo se difere do senso comum na medida em que o jornalista, ao entrar em contato com a realidade, processa e organiza os conteúdos vivenciados. Esta reordenação não é realizada apenas a partir da perspectiva individual do jornalista, mas também seguindo uma deontologia da cultura profissional.

Enquanto no senso comum suposições são tratadas como verdades óbvias, o jornalista tem que testar as suas suspeitas. Jornalistas têm que testar suas hipóteses de acordo com regras. O jornalismo não aceita argumentos como, por exemplo, alguém me disse ou todo mundo sabe que é verdade. O mesmo ocorre com a ciência (SPONHOLZ, 2009, p.108)

O jornalismo elabora um tipo de conhecimento qualificado que difere da forma de conhecimento tipo “senso comum”, trazendo à tona, com certa celeridade e com atributos verossímeis, aspectos do mundo atual, os quais dificilmente seriam apresentados ao público não fosse pela narrativa jornalística. Uma forma de conhecimento fundada ainda em aspectos e contextos históricos, para guiar, orientar e discutir o mundo.

A partir deste entendimento apresenta-se a seguir trechos de um conflito da história do presente narrados pelo jornalismo. Entremeados à análise são apresentados recortes do conteúdo divulgado na página eletrônica da *BBC Brasil*.

5. A crise na Síria pela narrativa jornalística

O presente artigo busca analisar a aproximação entre Jornalismo e História numa perspectiva de construção do conhecimento. Entende-se que o conteúdo jornalístico pode ser lido como elemento integrante da narrativa histórica, uma vez que se trata do registro

cotidiano dos fatos a partir de critérios e parâmetros próprios. Contudo, certas produções jornalísticas tornam evidentes os vínculos entre Jornalismo e História em seu trabalho de contextualização dos fatos.

Para abordar o tema num viés empírico optou-se por analisar um conteúdo publicado na página eletrônica da *BBC Brasil*, em 13 de outubro de 2015, intitulado: “Oito capítulos para entender a crise na Síria, que dura mais de 4 anos”. O texto analisado traz aspectos de aproximação e interação entre conteúdo jornalístico e fato histórico, que contribui para que o leitor possa compreender o contexto histórico da crise que deu origem a um dos maiores fluxos migratórios já registrados na história: a guerra civil na Síria.

O texto contextualiza o início da crise marcado por forças de repressão do governo Bashar Al-Assad que prendeu e torturou um jovem revolucionário depois de pintar no muro de uma escola slogans alusivos à Primavera Árabe.

Após o ato repressor do presidente Assad, a população foi às ruas em diversas partes do país. O texto demarca no tempo o período histórico do acontecimento: março de 2011 e julho do mesmo ano, com o conflito se espalhando pelo país.

[...] A origem da guerra atual foram os protestos de março de 2011 na cidade de Deraa, no sul do país, depois da prisão e da tortura de um dos jovens que pintaram slogans revolucionários no muro de uma escola, dentro do espírito da Primavera Árabe. Quando as forças de segurança abriram fogo contra os manifestantes, matando a vários deles, ainda mais pessoas foram para as ruas. Houve manifestações em escala nacional pedindo a saída do presidente Assad. O governo usou sua força militar para tentar acabar com a dissidência, mas isso só serviu para aumentá-la. Em julho deste ano, centenas de milhares de pessoas já participavam dos protestos em cidades de todo o país [...]. (BBC Brasil, 13/10/2015)

O texto segue demarcando que a partir desse momento o país entra numa guerra civil. De um lado os civis revolucionários lutando contra as forças do governo para controlar as cidades e de outro o exército de resistência de Assad.

Historicamente, o texto contextualiza geograficamente os cenários mais importantes da crise: as cidades de Damasco – capital síria –, e Aleppo, a segunda maior cidade do país. Outro registro importante no texto é o número de pessoas mortas no conflito e a atualização desses números por parte de organismos internacionais, pois estes elementos passam a materializar a dimensão do conflito a partir da informação jornalística.

[...] O país entrou em guerra civil, com brigadas rebeldes lutando contra tropas governamentais pelo controle de cidades, povoados e zonas rurais. Em 2012, a violência chegou à capital Damasco e à segunda metrópole mais importante do

país, Aleppo. Em julho de 2013, a ONU afirmou que 90 mil pessoas haviam morrido no conflito. Apenas um ano depois, esse número já havia aumentado para 191 mil e, atualmente, já chegou a 250 mil [...]. (BBC Brasil, 13/10/2015)

Mais um importante registro histórico trazido no texto aborda a questão de “sectarismo” que divide o país em etnias de origem sunita e xiita formando frentes de coalizão a favor e contra o presidente Assad.

[...] Mas, agora, a batalha já vai muito além de ser contra ou favor de Assad - adquiriu um tom sectário, onde a maioria sunita enfrenta a ala xiita que apoia o presidente, e inclui a intervenção de países vizinhos e dos poderes globais [...]. (BBC Brasil, 13/10/2015)

O conteúdo faz ainda uma abordagem sobre a utilização de armas químicas no conflito por parte do governo. Nesta perspectiva, traz para o centro do debate duas importantes potências mundiais, Estados Unidos e Rússia, e as possibilidades de intervenção desses países no enfrentamento para destruição das armas. O texto faz ainda referência ao número de mortos por armas químicas.

[...] A oposição e as potências ocidentais garantiram que só o governo poderia ter feito isso. Assad culpou os rebeldes pelas mortes, mas a Rússia e os Estados Unidos fizeram um acordo para destruir as armas químicas da Síria até junho de 2013 [...].(BBC Brasil, 13/10/2015)

Esses antecedentes fizeram eclodir uma das maiores diásporas da história recente da humanidade, como o próprio texto sinaliza, mais de 4,5 milhões de pessoas migraram da Síria em razão do conflito.

[...] Os países vizinhos tiveram que assumir a pior parte da crise de refugiados, com Líbano, Jordânia e Turquia lutando para acomodar as ondas de refugiados que chegavam. O êxodo se acelerou dramaticamente depois do início de 2013, quando as condições de vida no país se deterioraram de forma drástica. Acredita-se que outras 7,6 milhões de pessoas tenham sido obrigadas a deixar suas casas dentro do país, muitas sem acesso a ajuda, o que eleva para 11 milhões o número de desabrigados, metade da população. Em setembro passado, o drama dos refugiados sírios voltou a chamar atenção com a chegada de milhares de cidadãos às ilhas gregas, o que desencadeou uma crise na União Europeia [...]. (BBC Brasil, 13/10/2015)

A proposta desta análise foi inferir que o texto publicado na página eletrônica da *BBC Brasil* narra do ponto de vista jornalístico fatos e acontecimentos que marcaram um conflito histórico na Síria, com reflexos no mundo.

A narrativa dividida em partes traz o contexto dos acontecimentos, dados, números, questões étnicas, referência a movimentos político-sociais que ajudaram a deflagrar o conflito. São conteúdos que dão materialidade a um momento atual da história da humanidade e que chegaram ao público como um tipo específico de conhecimento, trabalhado por meio de relato

e seguindo orientações próprias da cultura de trabalho do jornalista. Este registro, que ganhou perenidade em suporte midiático, servirá como guia para situar a sociedade acerca do que está acontecendo.

6. Considerações Finais

A crise migratória na Síria é algo recente na história. É um exemplo de registro da história do presente narrada pelo jornalismo. Portanto, a prática jornalística configura-se como um elemento disponível no conjunto da sociedade com a função de informar sobre o que se passa na realidade social, mas também servir como fonte de registro histórico e forma de conhecimento elaborado segundo características próprias. Nesta perspectiva, o jornalismo é, simultaneamente, fonte de informação e fonte histórica, e portador de significados.

A análise da imprensa numa perspectiva histórica pode adotar como cenário metodológico a percepção de um sistema de comunicação complexo, no qual as dimensões interna e externa dos fenômenos devem ser consideradas. Os periódicos fazem parte de um sistema de comunicação com temporalidades e territorialidades próprias. Assim, os processos jornalísticos e as práticas dos atores sociais (os jornalistas, o público etc.) devem ser buscados e interpretados à luz de problemáticas específicas. (BARBOSA, 2018, p. 29)

Certamente, esse conteúdo e outros análogos a ele serão fontes para pesquisa de historiadores que irão interpretar tais eventos e atribuir materialidade ao conhecimento produzido pelo jornalismo, registrando o processo cotidiano de construção da história pela mídia.

Sendo o jornalismo uma narrativa marcada por tensões e conflitos, como os critérios jornalísticos interferem no processo de construção da história? Paul Veyne (1998) considera que a história é um “conhecimento lacunar”, dada a sua inevitável incompletude. Assim também é o jornalismo, uma vez que seleciona determinados fatos e não outros e lança mão de fontes posicionadas em diferentes perspectivas, ao mesmo tempo em que silencia outras. Assim, qualquer tentativa de remontar a dimensão histórica dos fatos pelo jornalismo requer uma percepção crítica sobre os limites de um texto e as marcas de um contexto.

No exemplo apresentado, a reportagem contextualiza as origens e desdobramentos dos conflitos na Síria, oferecendo elementos importantes para a compreensão histórica dos acontecimentos. Mas, mesmo lançando mão de informações relevantes que conferem historicidade ao assunto, é preciso entender os conteúdos como uma forma de representação da realidade, sujeita a interesses e angulações e marcada por uma impossível completude.

Assim, outras narrativas jornalísticas, produzidas por outros meios, podem vir a indicar sentidos semelhantes ou opostos na construção dos conflitos naquele país.

Em uma aproximação com a narrativa histórica, sabe-se que ela é também marcada por pontos de vista, não sendo possível atribuir ao discurso da História uma caracterização como verdade absoluta. Este aspecto não compromete o rigor na busca de evidências dos acontecimentos históricos, mas confere singularidade ao processo de interpretar e narrar a história, mesmo quando ela ainda está se desenrolando.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.41, n.2, p.21-36, mai./ago. 2018 21, p. 21-36.

BBC Brasil. “Oito capítulos para entender a crise na Síria, que dura mais de 4 anos”. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151012_crise_siria_entenda_rb. Acessos em 10/05/2016 e 28/03/2019.

CUESTA, Josefina. **Historia del presente**. Madrid, Espanha: Eudema, S.A, 1993.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma nova teoriamarxista do jornalismo, 1987. Disponível em www.adelmo.com.br. Acesso em 10/05/2016.

LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5a. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.): **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **Fundamentos e pertinência da abordagem do jornalismo como forma de conhecimento**. Trabalho apresentado no IV Congresso Iberoamericano dos Pesquisadores em Comunicação, em Santos, SP, de 1 a 3 de setembro de 1997.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. In: **Revista Contracampo**, v. 32, n. 2, ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. P. 73-90.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia (orgs.). **Mídia e memória**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: BENETTI, M.; LAGO, C. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 23-47.

RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis, SC: Insular, 2009.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4ª ed. Brasília: UnB, 1998.

WAINER, Samuel. **Samuel Wainer I** (depoimento, 1996). Rio de Janeiro, CPDOC/ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI), 2010.